

Mantendo visões ampliadas no projeto T-Sendo Redes: o papel do Conselho Gestor

Você já recebeu algum convite para participar de algum Conselho Gestor? Este nome sugere algo importante - e é mesmo -, mas essa relevância dentro do projeto do T-Sendo é inclusiva. Explico: foi a maneira prevista de incorporar uma participação efetiva das pessoas que se envolveram e participaram do projeto, sejam os trabalhadores do CEI e das instituições parceiras, nossas consultoras e facilitadoras, quem participou do planejamento do projeto, o Núcleo de Justiça Restaurativa, a FEAC, os participantes das turmas. A ideia é que todas as pessoas que têm interesse em contribuir com o projeto tenham espaço de participação.

O Conselho Gestor estava previsto para acontecer uma vez por mês. E o formato de encontro online, pensando na viabilidade da sua execução, foi definido

durante o andamento do projeto. As divulgações foram feitas também no formato online e com convite direto para as pessoas envolvidas. As pautas das reuniões indicavam como o projeto estava caminhando, as ideias que estavam surgindo e como as pessoas poderiam contribuir com sua execução. Foram pensados em temas para formação ampliada, possibilidades de organização dos grupos de estudos, entre outras propostas.

A participação das pessoas foi variável e rotativa o que trouxe muita novidade para dentro do projeto. Segundo Christian Nogueira, Coordenador de Atividades, "sem o conselho Gestor o projeto ficaria muito fechado na visão de quem tá dentro - executando ele todo dia - e, com certeza, teria diminuído a potência que o projeto alcançou. Porque quem está de fora trouxe a con-

tribuição de experiência de vida, repertório com a Justiça Restaurativa e as percepções do projeto, contribuindo com possibilidades que foram construídas juntas e com os recursos que o projeto já tinha." Ele ressalta três grandes momentos do Conselho Gestor: a live em parceria com o Canadá (disponível no YouTube do CEI e relato no Jornal Formação Ampliada), a primeira Oficina de Justiça Restaurativa, que gerou inclusive um Grupo de Trabalho para pensar na sua execução e por fim, o Seminário de Celebração do Projeto, que acontecerá no fim de Julho. Então a próxima vez que você ouvir esse nome potente, Conselho Gestor, pense também na sua participação. É bem possível que diga mais a respeito de você do que imagina.

Laura Nice Dias da Silva

Três mulheres importantes:

Carla Donnamaria, Geisa Gomes e Amábile Neves

Pensando na trajetória do projeto, o T-Sendo Redes, foram feitas entrevistas com as formadoras dos cursos Introdução à Justiça Restaurativa e Facilitação em Processos Circulares. As conversas foram feitas separadamente, mas as perguntas utilizadas foram as mesmas, por isso as respostas foram organizadas em sequência.

Três mulheres importantes: Carla Donnamaria, Geisa Gomes e Amábile Neves

Pensando na trajetória do projeto, o T-Sendo Redes, foram feitas entrevistas com as formadoras dos cursos Introdução à Justiça Restaurativa e Facilitação em Processos Circulares. As conversas foram feitas separadamente, mas as perguntas utilizadas foram as mesmas, por isso as respostas foram organizadas em sequência



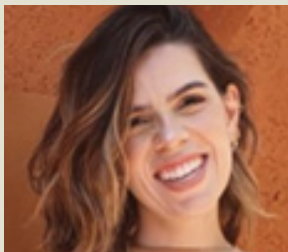
Geisa Rodrigues Gomes

é Doutoranda em Educação - Universidade de São Paulo e Mestre em Psicologia Social - Bolsista CAPES/PUC-SP (2013); Formada como psicóloga, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (1999), faz atendimento psicológico clínico de adolescentes, adultos, casais e famílias. Também atua na prevenção e transformação de conflitos nas relações organizacionais, familiares e comunitárias. Desenvolve Programas de práticas colaborativas, na prevenção e transformação de conflitos em instituições; Atua na transformação de crises e gerenciamento de risco e desastres junto a população em alta vulnerabilidade. É instrutora em Comunicação Não Violenta, docente e supervisora de Mediação Transformativa de Conflitos. Elabora, implementa e assessora em Projetos de Justiça Restaurativa, têm formação em Justiça Restaurativa e é formadora e facilitadora de Processo Circular.



Carla Donnamaria

atua há 23 anos como psicóloga, no campo das relações humanas, com experiência em atendimento clínico, docência e em psicologia jurídica. Encontrou, em 2015, na Justiça Restaurativa, resposta para uma questão que há muitos anos nutria: haveria um caminho para responder à violência de forma mais humana, transformadora e efetiva, que não fosse pela punição e exclusão?



Amábile Neves

é uma observadora participante de cotidianos e encantada por narrativas múltiplas e diversas, especialmente aquelas do longeviver e saberes-fazeres ancestrais. Na trajetória dessa vida, se construiu como Terapeuta Ocupacional, mestre em terapia ocupacional com ênfase em gerontologia social e contextos culturais e tantas outras facetas como facilitadora de processos circulares, mediadora de conflitos, contadora de histórias, coordenadora, professora e terapeuta com um fazer sistêmico familiar e integrativo.

Convido a contar sobre sua trajetória profissional e pessoal com a Justiça Restaurativa

Carla - Na adolescência tive uma questão que eu não tinha resposta: Será que existe uma outra maneira de responder a violência que não seja pela prisão e pela punição? Mas eu só tinha uma pergunta e não tinha a resposta. Não fui atrás e nem tentei aprofundar, mas tinha essa pergunta. Em 2013 eu já estava no Tribunal de Justiça e eu vi um cartaz que divulgava um congresso de psicologia jurídica no Rio Grande do Sul e tinha uma mesa de Justiça Restaurativa. Perguntei para minha coordenadora, que era psicóloga, também “O que é Justiça Restaurativa?” ela respondeu “Ah! Então você se interessou?!” “Sim, fiquei curiosa, não conheço”. E ela me colocou para trabalhar na sala da Leni, uma colega do setor que já atendia em Justiça Restaurativa. Ela me contou um pouco do que era e fui ficando curiosa, querendo saber mais. Daí acompanhando o trabalho dessa colega comecei com leituras e observando o trabalho dela. Fiz formações durante 2014 e 2018. Em 2019 fui para os Estados Unidos para beber da fonte. Em 2014 eu trabalhava como cofacilitadora dessa colega e em 2015 eu

assumi a facilitação. Até 2018 fiquei no setor técnico da Vara da Infância exclusivamente para a JR. Ainda atuo na JR, mas hoje não temos um setor exclusivo, então acumulamos função. Desde então não parei mais. Fiz a formação com a própria Kay Pranis, a formação de formadores, que foi quando além de facilitadora, passei a ser formadora de facilitadores. E sou apaixonada pelo assunto, o que respondeu minha pergunta lá de trás, que há sim outros caminhos e possibilidades, que tem haver com cuidado. O caminho entre o pessoal e profissional caminha mais ou menos junto, até porque essa viagem para os Estados Unidos foi totalmente por minha conta, gastei o valor de várias férias, mas me trouxe uma satisfação muito grande!

Geisa - Eu trabalhei por dezenove anos na Fundação Casa e eu fui observando que a formação acadêmica não dava conta de sustentar uma proposta relacional para o fazer socio-educativo. O trabalho na área social, que é meu maior percurso profissional, é essencialmente relacional. Eu não via muitas vezes em mim, nos meus colegas e nas instituições uma forma de olhar pro adolescente em conflitualidade com a lei de um modo que sustentasse e apoiasse mudanças. Eu já tinha passado por um processo de me-

diação quando me separei e fiquei bem encantada com aquilo. E quando eu me via nas dificuldades do fazer socioeducativo eu pensava que tinha um jeito de conversar que é legal, que compõe e inclui. Daí fui falar com a minha professora, a Vânia Cury, falando sobre a necessidade de levar alguma ferramenta para dar apoio ao meu trabalho e ela me falou sobre a Justiça Restaurativa e me apresentou pro Dr. Egberto de Almeida Penido, que coordena e implementa a JR no Tribunal de Justiça do Estado. A partir de 2008, comecei a me aprofundar nos estudos de Justiça Restaurativa e tive muitas oportunidades de fazer formações. *Muitas pessoas fizeram parte da minha sustentação dentro da JR, não só pelo o que aprendi com elas, mas também pelo que vi elas fazendo.*

Comecei a desenvolver na Fundação Casa projetos de formação de profissionais, saí do atendimento direto ao adolescente e passei a trabalhar com a formação de profissionais, em projetos de Justiça Restaurativa e com ações pontuais em centros que estavam com situações relacionais. Eu também apoiava outras formadoras, processos formativos em co-facilitação e fiz formação, também, com a Kay Pranis para ser formadora de processos circulares. Minha trajetória me levou a ser facilitadora, consultora e suporte na

implementação de projetos. Tudo foi acontecendo ao mesmo tempo, então foi uma grande imersão na JR.

Amábile - Sou Terapeuta Ocupacional, formada pela Federal do Espírito Santo. Das áreas que passei, tive mais afinidade com a T.O Social e a T.O. em contextos culturais, que trabalham muito com a mediação de conflito. O diferencial da Terapia Ocupacional, enquanto profissão que trabalha com essas temáticas, é usar as atividades como meio para mediar os conflitos. Vim para São Carlos para fazer meu mestrado na área de T.O. Social com interface em cultura, para pesquisar a questão da velhice na perspectiva dos Guarani Mbya. Quando terminei meu mestrado a ideia era me realocar na área acadêmica, já tinha sido docente na Federal do Espírito Santo. Mas acaba que a vida vai tomando outro rumo e eu venho parar na área técnica de novo. Quando eu estava me realocando em Campinas, abriu um processo seletivo para Terapeuta Ocupacional em um abrigo para pessoas adultas, masculinas e em situação de rua. Eu resolvo me inscrever e o que me chama atenção dentro dessa proposta é que a instituição trabalhava com Justiça Restaurativa e abordagem na educação social, voltada para Paulo Freire. Eu já estava com a lanterninha acessa para

esses debates, porque são temas que dentro da T.O. vem sendo dialogados. Faço o processo seletivo e entro, acho super legal porque vou ter a chance de me aprofundar. Quando eu entro, para a minha surpresa a abordagem não era tão na prática, mas tinha uma construção teórica. Daí comecei, então, a procurar espaços para aprimorar minha aprendizagem e trazer para dentro. Coincidentemente, o pessoal do Espírito Santo, da Federal, entra em contato comigo: “vamos ter um Workshop sobre Justiça Restaurativa aqui, você não quer vir? Estamos todos com muita saudade”. Fazia um tempo que eu não ia para lá e adorei, eu estava precisando! Daí eu fui e lá foi o primeiro lugar que efetivamente conheço a Justiça Restaurativa, por um lugar de prática de outra profissional e um lugar teórico alinhado com a Comunicação Não-Violenta. Eu volto com um desejo muito intenso de conhecer esse tema. Várias coisas do âmbito pessoal acontecem na minha vida que me levam para a escolha de não estar mais neste abrigo. Paralelamente, abre um processo seletivo dentro do CEI, para um cargo substituto, no Atendimento Educacional Especializado (AEE). E, quando eu entro é bem o momento que o CEI está fazendo uma transição de gestão e filosofia interna e, neste momento, estavam sendo ofertados

os cursos de Justiça Restaurativa para os funcionários. Me inscrevi e a Carla e a Gisela foram minhas professoras. E me fez muito sentido! Gostei muito! Foi um mergulho em um oceano mesmo. Mas entra a pandemia e aqui dentro do CEI vamos para o trabalho remoto, eu tinha o recorte de continuar no trabalho presencial, então eu acabava estando lá. Mas, de qualquer forma, ficou difícil praticar a JR dentro do CEI naquele momento, daí comecei a praticar na vida. Comecei a contar para as pessoas que eu era facilitadora e as pessoas começaram a me chamar em espaços comunitários para fazer círculos de Fortalecimento de Vínculos e é aí que eu pego a experiência prática. É na pandemia que eu mergulho de cabeça e começo a fazer muitas práticas. Nesse momento surge a oportunidade de fazer o curso de Formação de Facilitadores em Processos Circulares e Introdução à Justiça Restaurativa, com a Fernanda Laender e a Heloisa. Paralelo a isso o T-Sendo é gerado. Eu estava na construção do projeto, quando ele fica pronto e a equipe responsável por conduzir o projeto assume, eu sigo muito próxima. Eu já tinha afinidade profissional muito grande com o Christian Nogueira (Coordenador de Atividades do Projeto T-Sendo) e passo a acompanhar de muito perto as formações, os grupos

de estudos e as lives. Até que surge a oportunidade de facilitar as turmas, exercendo esse papel de formadora. E hoje estou nesse caminho muito frutífero e gostoso!

Como foi a sua participação dentro do Projeto T-Sendo Redes?

Carla - Eu fui apresentada para o Leonardo (Duart Bastos) pela Yara, uma assistente social, que não está mais em Campinas, mas sabia que ele tinha formação em JR também e tinha interesse em implementar a JR no CEI. Assim que eu voltei dos Estados Unidos, começamos formações livres, que ainda não estavam vinculadas a nenhum projeto específico. O CEI fornecia o espaço e metade da turma eram trabalhadores do CEI não pagantes e a outra metade eram pessoas de fora que pagavam o curso para dar sustentação a ele. No último ano também teve um outro projeto, o T-Ser. Tivemos formações de várias turmas e tiveram outros formadores que foram chamados para contribuir. Foi online, pois estávamos no auge da pandemia e isolados. Foi uma experiência nova, eu nunca tinha ouvido falar em processo circular online. Mas com a pandemia, a própria Kay Pranis logo experi-

mentou e compartilhou as experiências dela com essa possibilidade. O que nos encorajou e foi uma forma de manter, porque tudo se estendeu em um prazo além do que imaginávamos que ia durar. O online não é como o presencial, mas é melhor do que não ter nada. Por que o vínculo é possível, apesar das limitações. Com essa proposta de poder contribuir com a expansão e implantação da JR no município, o projeto T-Ser trabalhou com duas escolas que estavam envolvidas no campo de prática e de onde vinham as pessoas que teriam a formação e para onde seria levada a JR institucionalmente. Neste ano eu vim pro T-Sendo, na proposta de levar a JR para os serviços da assistência social. Essa outra realidade tem outras necessidades específicas. O que nos apresenta novos desafios e possibilidades. *O trabalho continuado de JR, não só restrito como uma ferramenta para tratamento de conflitos, mas como uma perspectiva de filosofia de vida, uma mudança nas formas como as instituições vão pensando e repensando e cuidando das relações.* Essas instituições que têm uma vivência mais continuada é importante cuidar e aplicar as três dimensões da Justiça Restaurativa para alcançar sua potência máxima. A dimensão relacional com o uso das técnicas, a dimensão institu-

cional que revê como cuida das relações internas, como se dá a escuta e como se dá a construção das suas diretrizes de funcionamento em um cotidiano e a dimensão de inter-relação entre instituições, fortalecendo a rede. Sendo uma rede de garantia de direitos, com o vínculo da JR na medida do possível, pensamos em relações mais horizontalizadas e na perspectiva do cuidado e não isolando responsabilidade, mas compreendo que as responsabilidades são do coletivo que precisa e pode ser cuidado com co-responsabilidade. Para mim, foi um prazer imenso fazer parte desses projetos. Eu tenho um carinho muito especial pelo CEI. Quando conheci o Léo não fazia muito tempo que ele estava na direção do CEI e ver esse crescimento e essa transformação, junto com a equipe foi muito bacana. Me sinto como parte do CEI, como da própria equipe e não apartada. Todos que conheci, inclusive os que passaram e não puderam ficar. Ver que a instituição abraçou essa proposta e fazer parte é uma honra. Sou muito grata!

Geisa - Eu entendi que o projeto T-Sendo é um processo formativo e gosto desta perspectiva no que se refere a formação de facilitadores. Porque eu comecei em 2008 e hoje ainda às vezes eu me pego

em outra lógica paradigmática. Eu ter investido em um processo de autocohecimento faz com que eu tenha clareza do momento que eu desviei do que eu acredito e fui pela lógica convencional. Então, o processo de formação de facilitadores é um processo longo e eu me vejo também em processo de formação como formadora e facilitadora, porque sempre tem novidade e coisa para aprendermos. Minha participação no projeto T-sendo é um pequeno recorte dentro da dimensão desse projeto. A minha participação foi de dar uma formação em processo circular. Fiz uma pequena contextualização sobre a Justiça Restaurativa, suas metodologias mais utilizadas no Brasil e a lógica que sustenta a Justiça Restaurativa, muito pautada na Cultura de Paz ou Não-violenta e nos princípios e valores da JR. A metodologia é muito importante porque é o que nos apoia a operacionalizar os princípios e valores da Justiça Restaurativa. Se o processo formativo não incluir uma parte teórica, ela precisa tocar para essa mudança paradigmática. *A metodologia não pode estar isolada, como uma mera técnica porque se ela não está sustentada na lógica ela é facilmente cooptada pela lógica convencional.* Estes espaços que o projeto T-Sendo coloca de intervenção, discutir as práticas, cha-

mar pessoas para contar e compartilhar, todas essas trocas são muito importantes porque compõe o todo. Eu tenho muita clareza da minha humilde participação, porque ela é pontual, mas ela compõe esse grande todo do projeto.

Amábilis - Quando surgiu a possibilidade de fazer o projeto T-Sendo, ele vinha de um outro projeto, o T-Ser, um projeto que eu também ajudei a construir. Mas infelizmente ele foi executado durante a pandemia. Muito do que foi pensado não foi possível realizar. Quando o CEI traz essa demanda de escrever um novo projeto para a FEAC, dentro dessa proposta, com braço dentro da Justiça Restaurativa, formamos uma Comissão com a Lúcia Otaviano, a Aline Figueiredo, a Eliane Santos e o Leonardo Bastos. Pensamos o que podíamos fazer desta vez, caso a pandemia não passasse para o projeto não perder a potência dele, pensando em juntar as questões práticas e de formação para irradiar a Justiça Restaurativa em Campinas, porque até então estava muito no CEI. A primeira turma que eu participei era mista, com pessoas de fora do CEI, mas era ainda muito incipiente. Em dados de realidade, quando íamos discutir caso com alguma outra instituição, aquela instituição nem conhecia a JR, então na

hora de discutir o caso com a JR enquanto ferramenta, ficava difícil por não terem conhecimento filosófico e prático. Foi a partir daí que *começamos a pensar: “se outras pessoas conhecessem a JR, vai ser muito mais legal e mais potentes as discussões e o uso da ferramenta, com a Cultura de Paz muito mais disseminada e arraigada aos espaços”*. Desenhamos o projeto nessa pegada de formação, com parte prática, e acompanhamento. Quando chegou a nova equipe [de execução do projeto] eu não me desconectei, porque as parcerias foram estreitando. Eu e o Christian trocamos muito, até porque fiquei como a única pessoa que sabia sobre a construção do projeto, tiramos dúvidas e alinhamos, ele dizendo o que estava enxergando e eu dizendo o que tínhamos pensado. Fiquei esse tempo todo caminhando junto, mas de forma mais efetiva a conexão com o projeto veio quando eu sou convidada para ser facilitadora das turmas de formação, daí não teve como! Estava com os dois pés de novo no projeto, entrando de vez!

Você pode compartilhar alguma história transformadora que passou com alguma turma do T-Sendo?

Carla - Me lembro sobre o primeiro encontro da nossa turma [Turma 5] que fizemos um exercício sobre as nossas violências e no segundo encontro pelo convite de “como isso ficou? Como isso repercutiu?” tiveram algumas falas tão significativas de algumas condutas que apesar de serem aparentemente simples, pareceram tão significativas para as pessoas. Como por exemplo a pessoa que disse que prendia o gato! (risos) Naquele momento e dentro do contexto que ela disse, aquilo representou uma transformação no pensar a partir de si mesmo e sobre si mesmo, nas próprias ações e ideias. E na JR a primeira dimensão é essa, a partir da auto transformação. Como diz a Fernanda Lander, *não é uma injeção que aplico no outro, mas é algo para vivermos juntos e precisa começar pela gente*. Porque a partir de nós abrimos o convite para que outros possam chegar.

Geisa - Existem várias pequenas histórias, pois a forma que eu conduzi a formação em processo circular foi de contar para as pessoas o que contaram para mim. Eu sigo muito fielmente o que a Kay Pranis aprendeu com os indígenas. E esta formação é feita em camadas, então é comum as pessoas ficarem aflitas. A dinâmica dos gravetos é sempre

muito divertida, porque é muito mobilizadora para a compreensão da lógica do processo circular. Essa formação em camadas faz as pessoas se entenderem, se olharem e verem que elas precisam cuidar delas mesmas. *Quando a pessoa se entende como humana ela consegue olhar e ver a humanidade do outro*. Esse contato das pessoas com elas mesmas promove grandes transformações. Apesar do processo circular não ser terapia, ele tem efeitos terapêuticos, no sentido da pessoa se olhar e mudar a forma como ela olha o outro. Minha pequena ambição é que as pessoas se vejam como humanos, na relação com elas mesmas, com o mundo e com os outros

Amabile - Ainda estou passando com a turma 7, aos sábados. É uma turma híbrida com pessoas de todos os lugares, tem engenheira, da área da saúde, assistente social e tem gente que não é de área nenhuma e está lá para fazer o curso. Por melhor que seja o facilitador, a turma que quer a formação, beber da água, faz muita diferença para ser um espaço completamente potente. E essa turma se lançou muito, se jogou mesmo na formação e está neste processo de transformação de fazer acontecer e pensar. Um processo que passamos juntos, para tra-

zer um exemplo concreto, foi quando chegou o momento deles fazerem um círculo completo de Fortalecimento de Vínculo e eles toparam de um jeito, que foi dois dos mais bonitos que já vivi. O crescimento das pessoas está sendo lindo de ver. A mudança no modo de pensar e a forma de olhar as relações e o conflito, está sendo muito transformador! Na turma, estou como facilitadora e professora, mas várias coisas que trago para o espaço da JR tem relação direta com a minha experiência enquanto Coordenadora do Serviço de Atendimento Domiciliar e das discussões de caso. Um dia, um modo mais específico, quando uma das integrantes da turma, que é uma Cuidadora Social que trabalha comigo, depois de fazermos um exercício sobre a escuta, pensando em uma escuta cuidadosa e efetiva, sem julgamentos, ela me disse: “Nossa, eu precisava muito saber disso. Nunca mais vou escutar as coisas da mesma forma. Foi muito importante para mim! Já estou revendo os casos na minha cabeça, muito obrigada!”. *O que me marcou muito foram as diferenças dos lugares da vida*. Ali não estávamos discutindo caso enquanto serviço e nem para resolver nenhuma questão específica, estávamos ali em um espaço de construção do conhecimento. Ver uma profissional que entrou na forma-

ção e conseguiu sair com um olhar transformado de uma coisa que é muito cotidiana, que ela faz todos os dias. Ela conseguiu olhar para uma ação que ela já vive tantas vezes com um novo olhar, isso é tão transformador! Teve uma outra, da Turma 5, de quarta, que tem feito muitos círculos no CEI. Ela é recém-chegada e quis fazer o curso logo que entrou e ontem ela deu um depoimento em reunião que foi muito lindo. Ela disse como ter feito o curso da JR permitiu ela olhar diferente para o que o usuário, assim como entender que o lúdico e o cuidado podem andar juntos. A escuta cuidadosa não precisa ter um espaço formalizado, ao ver novela com a pessoa, conseguiu estar atenta ao que estava falando e fazia sentido para ela. Então ainda tenho passado por esse processo de ver os frutos. A maior transformação que aconteceu em mim, e que me deixa muito emocionada, é que depois do processo de mestrado questioneei muito meu lugar de formadora. Sempre acreditei numa formação humana, com construção conjunta, com as pessoas trazerem o conhecimento que tem e o facilitador/professor trazer outro conhecimento e juntar tudo. A turma de sábado tem me possibilitado esse espaço, então a transformação não é só para eles, mas também para mim. *A educação é muito*

potente e ainda há espaço para espaços de formação e construção conjunta.

Qual mensagem de incentivo você pode deixar para as pessoas praticarem a Justiça Restaurativa?

Carla - A JR vai na contra-mão da violência. E quando nos deparamos com violências fortes e em violências continuadas ou com uma série de violências que podem desencorajar a gente. Assim como nas redes sociais às vezes aparece que “o ser humano é uma coisa que não deu certo”, podemos ficar impactados pensando “para onde a gente vai com isso!?” Para mim sempre fez muito sentido desde que entrei em contato com a JR a ideia de *quem planta tâmaras, não as colhe*. Porque demora 80 anos para as tâmaras darem frutos. Então podemos plantar e não colher-las, mas se ninguém tivesse plantado tâmaras lá trás, ninguém estaria plantando hoje. Então tem coisas boas acontecendo hoje em dia, incluindo não só a JR, mas tudo que vai no caminho do cuidado, que tem outras pessoas envolvidas e uma história por trás. Gostaria de acrescentar que *a formação é um dever, estamos sempre em formação*.

Cada grupo será um grupo, cada círculo será um círculo. Estamos propensos a nos deparar com um novo desafio. Então “esperar estar pronto para ir?!” Faria a comparação com aprender a dirigir um veículo, começamos com alguém auxiliando, apoiando, dando dicas de como fazer até deslançar. Se tivermos noções introdutórias de como dirigir um veículo e paramos. Não buscamos parcerias, trocas, não participamos dos encontros e dos grupos de estudos e tudo mais. Daí de repente nos vemos na urgência de dirigir um veículo, será muito mais difícil e é possível que se recuse. Porque será muito mais difícil realmente, porque é uma construção, que começamos entrando em contato, tendo acesso a essa base desta jornada, podemos continuar pelo Grupo de Estudos, pelo Núcleo de Justiça Restaurativa que é continuado. Então *temos por onde buscar, não precisamos nos sentir prontos, precisamos nos sentir em movimento. A prontidão virá no coletivo*.

Geisa - A Justiça Restaurativa não é a única, mas é uma potente forma de transformação social. O que me sustenta é poder pensar que se nós nos cuidarmos muito bem e cuidarmos dos princípios e valores da Justiça Restaurativa, mantendo uma forma

de vida cotidiana alinhada podemos contribuir muito para uma sociedade mais inclusiva, cooperativa. *Eu posso contribuir com a JR de várias formas e cada um vai encontrar o seu percurso.* Se afeiçoou e fez sentido a Justiça Restaurativa, continue e encontre seu lugar de conforto para contribuir. Medo de conduzir processos circulares, eu tenho até hoje. Claro que tenho mais repertório e experiência e consigo lidar com isso. Mas estar no círculo te convida a confiar no processo, não conduzir e levar para um lugar. No processo circular você como facilitador não tem controle, você só tem o roteiro. Se um círculo é bem conduzido ninguém sabe para onde ele vai e o que vai acontecer. O que me deixa segura é estudar, cuidar de mim e estar com alguém que eu confie. Confio muito no processo circular e estabelecer uma relação de confiança e alinhada com o co-facilitador me ajuda muito. Porque saímos da lógica convencional e participamos como humanos. *Tenho certeza que todos podem encontrar o seu lugar e como se sustentar nesses momentos.*

Amábil - Enquanto pessoa e profissional digo que, para praticar é melhor começar por círculos de Fortalecimento de Vínculos que não tenham a pretensão de resolver conflitos,

nem tenham uma demanda muito específica. Começar por um círculo onde as pessoas simplesmente possam estar ali para ouvir e contar suas histórias, com roteiros simples e diretos. Às vezes conhecemos as pessoas e achamos que elas nasceram sabendo tudo, mas ninguém nasce sabendo tudo! Mas hoje, neste lugar de formação e pensando o processo de construção de conhecimento em JR, *percebo que nos construímos na tentativa de acerto e erro.* Comecei fazendo círculos com roteiros do Guia [do coração da esperança] com poucas adaptações, dependendo do lugar que eu estava trocava alguma palavra. O roteiro por ser uma tradução é uma adaptação em si, daí eu fazia um recorte pensando no nosso modo cotidiano e brasileiro de nos comunicarmos. Tenho um banco de dados dos meus roteiros e às vezes eu volto para ele para olhar meu começo, e lá encontro frases simples e cerimônias de abertura e fechamento que também eram simples. É importante também começar em espaços confortáveis e seguros, para falar honestamente e com transparência, como um facilitador de corpo e alma. Uma das participantes da turma 7 trouxe um círculo na família dela, usando um dos elementos da JR que ela estava apropriada. Nas construções de diretrizes e valores pensa-

mos em estratégias para te deixar seguro e tranquilo, para falar com seu coração, e porque não trazer isso para nós? Trazer como facilitador esse cuidado nas primeiras experiências. E posso afirmar que mesmo com esses roteiros enxutos, tive experiências com impactos muito significativos. Acrescento que, na medida que os círculos de conexão por contação de histórias vão ficando cada vez mais interiorizados, dá para ir avançando para outros lugares. Não tenha pressa de começar, querendo fazer algo mirabolante e profundo. *A profundidade e a sabedoria vem com a passagem da experiência de vida, só vou chegar em uma sabedoria aprofundada se eu experimentar e saborear cada pedacinho da vivência de facilitação.*

Agradecemos todo o carinho, dedicação, atenção e empenho das três facilitadoras dos nossos cursos de Introdução a Facilitação em Processos Circulares. Com vocês, a potência da JR foi sustentada, mas também foi irradiada para muitas pessoas e instituições. A estrutura teórica e prática dos cursos, assim como o acompanhamento dos alunos e alunas de cada turma foi fundamental para o fortalecimento da Cultura de Paz. Mais uma vez, agradecemos!

Equipe T-Sendo Redes